



A MULTIFUNCIONALIDADE DOS VERBOS PEGAR E TOMAR EM CORA CORALINA PELO VIÉS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Rosania Gomes da Silva Domingues¹ (PG)*
Déborah Magalhães de Barros (Orientadora)
<http://www.poslli.ueg.br/>

Resumo: Este trabalho objetiva investigar a multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* nas obras de Cora Carolina à luz da Gramática de Construções, correlacionando seus usos em construções plenas e construções-suporte. Para atingir o objetivo, utilizamos da pesquisa qualitativa e como *corpus* de pesquisa as obras da poetiza goiana Cora Coralina (2013a; 2013b, 2013c). As bases teóricas usadas são a Linguística Centrada no Uso de Bybee (2006, 2010) e Neves (2002, 2018), que permitiram analisar o uso dos verbos em estudo em seus diferentes contextos de uso, além de analisar os processos cognitivos envolvidos no uso; a Gramática de Construções de Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013) propiciou um estudo que considera a integralidade dos níveis linguísticos para a produção de enunciados significativos. A hipótese inicial para o desenvolvimento deste trabalho reside no fato de a língua ter uma base corporal para a construção de metáforas (SILVA, 2005). Dessa maneira, assim como os verbos *pegar* e *tomar* têm uma forte relação com o corpo, essa relação pode servir de base para abstratização desses verbos e revelarem aspectos da cultura goiana.

Palavras-chave: Verbos *pegar* e *tomar*. Metaforização. Cultura. Gramática de Construções.

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar uma proposta de análise sobre a multifuncionalidade dos verbos *tomar* e *pegar* na poesia de Cora Coralina, com base numa visão construcionista para a mudança, conforme a Linguística Centrada no Uso (LCU). Nessa perspectiva, trabalhamos com os processos cognitivos apresentados por Bybee (2016), especialmente, o de metaforização. Esse processo possibilita a abstratização dos verbos pesquisados, impulsionando-os a transitar entre as categorias de verbo pleno e verbo suporte, o que faz com que esses verbos, por terem seus usos expandidos, sejam frequentemente acionados nas amostras analisadas e evidenciem características da cultura do povo goiano.

Conforme Goldberg (2006), numa abordagem construcional, construções são unidades simbólicas convencionais de forma e significado. Para Traugott e Trousdale (2013), as construções são organizadas em redes esquemáticas, o que possibilita que diferentes processos e usos influenciem novas construções. Nesta pesquisa, ainda como propõem os autores, compreendemos cada uma das categorias como sendo um nó na rede e supomos que é possível que um item passe a ser associado a um novo nó dentro da rede construcional, da mesma maneira que um item pode impulsionar a constituição de um nó que ainda não existe.

Dessa forma, respaldados pelos estudos de Bybee (2006, 2010) e Neves (2002, 2018) sobre língua e uso, Langacker (1987), Lakoff (1987), Lakoff, G. & Johnson (2002) sobre o processamento cognitivo, Kovecses (2009, 2021), Geetz (2012) e Capucho (2021) sobre língua e cultura e a Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013) sobre

¹ Email: professorarosaniagoias@hotmail.com.





Gramática de construções, buscamos encontrar respostas para a hipótese de que tal mudança e uso pelos falantes goianos tem ocorrido por ser uma construção de fácil acesso e envolver ações fundamentais, que têm uma forte relação metafórica com o corpo.

De posse dos dados pesquisados, corroborados pelo referencial teórico citado, verificamos que os verbos *tomar* e *pegar* são motivados a assumir a categoria verbo-suporte na fala goiana influenciados por fatores histórico-culturais e por diferentes processos cognitivos, especialmente o da **metaforização** (SILVA, 2014), sendo então concebidos como uma representação da cultura goiana.

Material e Métodos

Como caminho metodológico, utilizamos a pesquisa qualitativa de caráter descritivista. Como *corpus* de pesquisa adotaram-se as obras *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2013a), *Vintém de Cobre* (2013b), *Histórias da Casa Velha da Ponte* (2013c) de Cora Coralina. Não por acaso, são as obras mais representativas da autora pesquisada e demonstram usos produtivos de construções com esses verbos.

Resultados e Discussão

As gramáticas de base formalista tendem a estudar esses verbos, somente a partir da significação da categoria plena: Tomar - *requerer a posse de algo ou apropriar-se dele*, Pegar - *Agarrar algo ou alguém; segurar*. Tais análises desconsideram a interferência de fatores externos a língua, bem como a organização criativa de processos cognitivos motivados na interação. A partir dessa lógica, é que propusemos, nessa pesquisa, a investigação dos processos de domínios gerais que nos levam a criar novos usos para os verbos em estudo, fazendo-os assumir novas funções, como podemos verificar nas ocorrências (01), (02) e (03):

(01) Um dia, Pretovelho, resto de servidão ficou doente, muito mal para morrer. Gente piedosa, gente inzoneira. Gente ardilosa da cidade **tomou conta** do Negrovelho. (CORA CORALINA, 2013, grifo nosso.)

(02) Gente da lavoura, carregando suas compras, sacos ajoujados. As mulheres, com cestas e crianças, **tomavam conta** das cadeiras, ocupavam as mesinhas com seus embrulhos e, tranquilamente, desabotoavam o vestido, tiravam o seio e davam de mamar aos filhos. (CORA CORALINA, 2013, grifo nosso.)

(03) Deu foi trabalho prá Siá Norata. Como ela não tinha filhos e o marido já estava “em bom lugar”, **tomou amizade** ao sobrinho e fez o possível para ele arribar, e arribou mesmo. Arribou e entrou na escola, já taludo. (CORA CORALINA, 2013, grifo nosso.)





A cidade de Goiás remonta ao ciclo do ouro, século XVIII, época da exploração dos bandeirantes em busca de índios e metais preciosos. De acordo com Brito e Seda (2019, p.17) “Os cronistas são unânimes em considerar que a primeira grande lavra de ouro foi encontrada em 1726 nos cascalhos do Rio Vermelho sob a Ponte do Meio [...], atualmente, Cora Coralina.”. A partir dessa descoberta, surge então a Casa da Ponte e inicia-se a ascendência de Ana Lins dos Guimaraes Peixoto, Cora Coralina, sendo ela descendente de Bartolomeu Bueno da Silva, um dos bandeirantes que deu origem a cidade de Goiás.

As obras de Cora Coralina são textos produzidos a partir de suas memórias, “escreve sobre ela mesma, sobre seus, seus mundos e os outros de seu tempo, deserdados da sorte”. (BRITO e SEDA, p. 4, 2019) e, por meio da linguagem, resgata muitos dos costumes e tradições da época, como pode ser observado nas ocorrências acima.

A ocorrência (01) traz a memória a figura dos escravos negros – Pretovelho, Negrovelho. Em “tomou conta”, o verbo *tomar* foi utilizado fora do seu sistema prototípico de verbo pleno, há uma integração entre os elementos mobilizados na construção semântica resultante da soma das partes. Nesse viés, na ocorrência Negrovelho está precisando ser cuidado pois estava doente, “tomou conta” é equivalente a “cuidar”, assim, segundo Neves (2011), pode-se considerar a construção nessa ocorrência como uma construção com o verbo-suporte.

Esse processo, deslocamento de uso, é possível pois o princípio da analogia e da criatividade linguística permite que uma nova forma surja a partir de construções já existentes, possibilitando assim a abstratização do verbo, a ideia é de trazer um corpo para si e esse corpo precisa ser cuidado.

Em (02) temos a descrição de uma cena envolvendo a figura da mulher. Apesar das construções terem estruturas iguais, “tomar conta”, têm sentidos distintos. A ideia é de “ocupar” as cadeiras, assim como fizeram com as mesas. A representação é de que um corpo ocupou um espaço, no caso, a cadeira. Nesse caso, mais do que nunca, faz-se necessário levar em consideração o contexto de uso/produção para distinção dos sentidos. É a intencionalidade do falante que fará com que ele categorize as formas linguísticas necessárias para que ele, por meio de um processo criativo, dê conta de manter a comunicação.

Na ocorrência (03), temos “toma amizade” representando uma forma de afeição, um sentimento. Uma senhora que não podia ter filhos se afeioou pelo sobrinho e tomou para si a responsabilidade motivada por um sentimento de amizade. Mais uma vez, é importante compreender que mesmo os verbos-suporte apresentando um esquema estrutural semelhante, os sentidos de cada agrupamento são diferentes um do outro. Ainda sendo possível identificar uma semelhança semântica, não terão sentidos intercambiáveis.

Como já dito, nossa cidade surgiu durante o ciclo do ouro a partir exploração dos bandeirantes em busca de índios para o trabalho escravo e metais preciosos. E para a captura dos índios, fez-se imprescindível a presença dos jesuítas, representantes da igreja católica e, como herança deles, cultivamos o hábito de “pedir a bênção”, como podemos ver na ocorrência (04).

(04) Da janela da casa velha da ponte, todo dia, de manhã **tomo a bênção** do rio:





_ Rio Vermelho, meu avozinho, dá sua benção para mim. (CORA CORALINA, 2013, grifo nosso.)

Em (04), “tomar a bênção”, significa pedir a benção. Mais uma vez, é possível observar um esvaziamento no sentido do verbo *tomar* como pleno. De acordo com o dicionário Houaiss *on line* (2020), abençoar significa “dar proteção, converter em algo benéfico, providenciar auxílio”. Nessa condição, o corpo recebe uma benção, uma proteção. Já sabemos que as memórias contadas por Cora surgem a partir do contato com o Rio, inicialmente para exploração do ouro e na ocorrência, o rio é metaforizado, assumindo a condição de avô, de ente da família. Percebe-se explicitamente uma relação de afetividade com o rio também pelo uso da expressão no diminutivo: “avozinho”. Aqui é possível perceber uma metaforização estilística – o rio é personificado – torna-se avô – e uma gramatical, no momento que o verbo *tomar* sai da categoria plena e assume o sentido de abençoar sendo analisado como um bloco significativo.

Uma outra característica do verbo suporte é poder ser substituído por um verbo pleno com sentido semelhante, como podemos verificar nas ocorrências (05) e (06):

(05) Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro^{2/} e **pega** na gente. (CORA CORALINA, 2013, grifo nosso.)

(06) Na passagem do carandazal a boiada parada, deitada, muge, baba, lambe os cascos.

_ **Pegou febre.** (CORA CORALINA, 2013, grifo nosso.)

Na ocorrência (05) é possível recuperar o complemento do verbo, Cieiro, e o significado do verbo passa a ser o de *contrair a doença*, assim como na ocorrência (06). Essa capacidade de substituição do verbo suporte por outro verbo com sentido semelhante comprova o que Cuenca e Hilfert (1999) propõem sobre um item poder pertencer a diferentes categorias. As construções (05) e (06) poderiam ser substituídas pelo verbo *adoecer*.

A partir da análise das ocorrências elencadas foi possível comprovar as hipóteses levantadas sobre os diferentes significados que as construções com os verbos *tomar* e *pegar* podem assumir em seus contextos de uso, assumindo, inclusive, uma nova função, construção-suporte. Esses novos significados e essa nova função são possíveis devido aos diferentes processos cognitivos que são acionados no momento da interação, sobretudo a analogia, a metáfora, o *chunking*, a memória rica e a associação transmodal. Todos esses processos são acionados concomitantemente na rede mental, como prevê a Gramática de Construção, o que faz com que seja possível ao ser humano usar sua capacidade criativa, linguisticamente.

² Cieiro - Pequena fenda em sentido linear, que se abre na pele ou nas mucosas sob o efeito do frio, de ácidos etc. – Disponível em: www.dicio.com.br/cieiro. Acesso em: 12 jan. 2021.





Considerações Finais

A partir das análises realizadas, verificamos que as mudanças na língua são motivadas por fatores de ordem cognitiva e social, com o intuito de garantir a comunicação no momento da interação.

Os resultados deste trabalho podem auxiliar os estudos sobre a expansão das categorias verbais pelo viés da Gramática de Construções, tendo em mente que a língua tem um caráter dinâmico (BYBEE, 2016) e que suas formas variam de acordo a necessidade do falante no momento da interação, por isso leva em conta características socioculturais.

Referências

BRITO, Clóvis Carvalho. SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: Raízes de Aninha**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

BYBEE, Joan L. **Língua, uso e cognição** - Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAPUCHO, Maria Filomena. **Sobre línguas e culturas**. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo094.pdf>>.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2013a.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre**. São Paulo: Global, 2013b.

CORALINA, Cora. **Histórias da Casa Velha da Ponte**. São Paulo: Global, 2013c.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

NEVES, M. H. M.. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins, 2018, p. 132-145.

OLIVEIRA, Cleiton Ribeiro. **Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-Go**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2018.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

